

# A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ

Editor principal — ALEXANDRE VIEIRA

Propriedade da Confederação Geral do Trabalho

Editor — Carlos Maria Coelho

PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

ANO IV — Número 1.065

Sexta feira, 12 de Maio de 1922

PREÇO \$10 CENTAVOS

Redação, Administração e Tipografia

Calçada do Combro, 38-A, 2.º Lisboa — PORTUGAL

Endereço telegráfico: Talhada-Lisboa; Telefone 5339-0

Oficinas de impressão: Rua da Atalaia, 114 e 115

## UM ABUSO INQUALIFICÁVEL

O proletariado alvejado pelas propostas de finanças

Se as propostas de finanças forem aprovadas, as classes predominantes ficam obrigadas a pagar ao Estado uma cifra de impostos mais elevada do que até aqui tem pago. Esse aumento de contribuições vai na realidade recair sobre o proletariado. O criminoso e tradicional egoísmo das classes possuidoras assim o delibera fatalmente.

Para elas um aumento de imposto significa uma diminuição nos seus lucros. Mas a tendência natural das «forças vivas» é explorarem o mais possível os trabalhadores. Por isso elas farão com que o custo da vida suba, desforrando-se dos impostos à custa dos consumidores. Devo pois dizer-se que serão os operários quem directamente fica ameaçado pelas propostas de finanças. A contribuição lançada à burguesia é paga, de maneira indirecta, pelos trabalhadores. Não se justifica, pois, que alem dos impostos indirectos o proletariado ainda seja incluído nas propostas de finanças, ainda pretendam forçá-lo a pagar impostos directos. Contra semelhante pretensão há de erguer-se o proletariado. Não se pode admitir tam descarado abuso, tam atrevido roubo. O operário é o produtor de todas as coisas que não gosa, pois que do seu trabalho surge tudo o que é valioso, útil e precioso. Não se comprehende que depois de o extorquirem ainda pretendam esfolá-lo nas propostas de finanças. Aplicar um imposto a forçar a pagá-lo ao operário que é quem tudo paga é um absurdo, é um abuso. Arancar a pole depois de lhe ter furtado a camisa é abusar demasiadamente da sua capacidade resguardativa.

— Em que aplica o Estado o dinheiro que me arranca?

Eis que o Estado, se chamado fosse a responsabilidade, teria de fatalmente responder:

— Vou arrancar-te dinheiro que o teu trabalho ameou, para o esbanjar criminosamente. O dinheiro dos que trabalham vai-se aplicar a sustentar a preguica dos que nada fazem. Com ele vou pôr a mesa aos tubarões que me assaltam o orçamento, com ele vou pôr em pé de guerra uma multidão inútil, perniciosa e armada que se chama exército. Ele serve para esmagar a tua colera — se te revoltas, para furar os teus movimentos — se te lanças em greve, para roubar as relativas liberdades de que gozas — se elas podem fazer perigar a minha existência. E, nota bem: com teu suor e teu sangue sustentará indivíduos cuja principal função consiste em assegurar o sossego e garantir a tranquilidade aos teus exploradores.

Em vez de escolas, cavernas, em vez de livros, espingardas, em vez de justiça, iniquidades. Eu vou arrancar ao trabalho o que é preciso para te manter na tua vida de sofrimento, de miséria e escravidão. Sou eu que preciso de arrancar-te tudo quanto, se nas tuas mãos ficasse, te garantiria o bem-estar, a liberdade — a tua emancipação integral.

— Acontecerá assim com a outra hipótese dos 50 milhões de dollars que, enquanto figuraram como simples crédito, levantaram uma armada com a qual muitos artigos e géneros entraram em Portugal em melhores condições.

Os três milhões de libras, esses nem este eleito lograram. O câmbio manteve-se e manteve-se estático e ameaçador, apesar das gazetas afetas à situação tanto tem falado das vantagens do ver-gonhosso contrato.

Nós temos de facto, um crédito real, positivo, qualquer coisa «a haver» na Alemanha. E' a nossa cota parte nas indemnizações de guerra. Nós, quer dizer, o Estado burguês que explora Portugal. Nós, não; o proletariado jamais aceitou como legítima essa extorsão.

Mas, enfim, aceitemos, como facto consumado, o que os Messieurs de La Palisse da conferência de Versailles decretaram. Tem pois o Estado burguês um activo na Alemanha; sobre esse activo fácil seria a qualquer governo, que soubesse como estas coisas se fazem, ajustar uma importação do que mais nos fosse necessário, se de alguma coisa precisássemos a não ser de juizo e da menos parassagem.

Nada mais. Se serve a ideia, podemos todos a trabalhar para ela; se não serve, que outros digam como organizar esta obra, pois, como estamos realizando, os resultados serão poucos.

Pois muito bem; o que se fez então? Foi-se pedir aos ingleses para «nos» fornecerem o que directamente podia vir da Alemanha!

11 de Maio de 1922.

De ALGUEM

— A VIAGEM AÉREA

Lisboa-Rio de Janeiro

No ministério da marinha, recebeu-se um telegrama do comandante do hidro-avião dizendo que em vista da grande dificuldade no desembarque do hidro-avião nos Penedos de São Pedro, tinha resolvido utilizar o tanque sobre-salente que foi enviado de Lisboa e possue a capacidade suficiente para fazer a viagem de ida e volta de Fernando Noronha aos Penedos, viagem que deverá levar 8 a 9 horas.

Recebeu-se, mais tarde comunicação que o hidro-avião partiu de Fernando Noronha, às 8 e 7 minutos, hora brasileira e um ouro do cruzador *República* anunciando a sua partida às 11 horas, hora Greenwich. Também o mesmo cruzador participou que tinha saído para o mar alto em serviço combinado com os aviadores.

A nomeação seria feita pelos operários de cada oficina, obra, escolhido de entre elas um operário activo e de probidade reconhecida; este encarregar-se-ia de recolher os donativos, que iria entregar à comissão a que pertencesse, acompanhando-os da lista correspondente.

A nomeação do delegado seria comunicada à comissão respectiva, a qual entregaria um cartão de identidade, com um número de ordem.

Biblioteca operária

A biblioteca operária da secção do Poço do Bispo, do Sindicato Único Metalúrgico está patente ao operariado todos os dias das 20 às 23 horas.

## PRIMEIRAS PALAVRAS

# O crédito dos 3 milhões de libras

O parlamento ocupa-se desta negociação obnôxia

## Os verdadeiros indeejáveis

Muito propositadamente temos esse somno próprio a encher de sono silenciosos sobre a funesta felicidade os exploradores ingleses

operação bancária chamada — «O crédito de três milhões de libras»

Os «nossos» amigos de Peniche

ingleses consentiram que de suas

desinteressadas mãos «houvessemos»

este crédito para aquisição

de matéria de várias espécies e quantidades.

Ora quem não ignora,

como nós, que os ingleses tudo

atribuiram determinado crédito, vão

pela mão de meia dúzia de feli-

zardos sem escrupulos, buscá-los

a Londres! Custa a acreditar.

Qual seria a casa comercial,

dirigida mesmo pelo mais boçal

dos tamanqueiros, que, tendo um

activo num fornecedor em condi-

ções de servir mais barato e em

moeda depreciada (como está o

marco actualmente), qual seria o

tamanqueiro, preguntamos, que

iria bater à porta do usurário pa-

ra, por seu intermédio, lhe chegar

às mãos o material a introduzir

na sua oficina?

É isto que se pretende fazer;

isto é, que o Estado burguês que

nos vitima em proveito da meia

dúzia de insaciáveis banqueiros

improvizados e seus cúmplices na

política, se prepara para nos ofe-

recer.

Uma interrogation aflora ainda

aos lábios de ingênuos: e os mo-

nárquicos?... Como é que a opo-

sição monárquica o consente?

Quem formula esta pregunta

esquece que o banco interessado

na operação é um alâbre de mo-

nárquicos; que não há figura gra-

duada nesse sebastião acomoda-

tório que não tenha ali, naquela

casa da rua dos Capelistas, inter-

esses directos ou filhos e sobri-

nhos colocados.

E' assim que tudo está interes-

sado em mais este tremendo sa-

que, chegado agora ao vértice su-

premo da periclitacia para nos

todos os portugueses que tra-

baham, e que vem a ser o crime

infame da utilização do crédito

dos 3 milhões de libras.

E' assim que tudo está interes-

sado em mais este tremendo sa-

que, chegado agora ao vértice su-

premo da periclitacia para nos

todos os portugueses que tra-

baham, e que vem a ser o crime

infame da utilização do crédito

dos 3 milhões de libras.

E' assim que tudo está interes-

sado em mais este tremendo sa-

que, chegado agora ao vértice su-

premo da periclitacia para nos

todos os portugueses que tra-

baham, e que vem a ser o crime

infame da utilização do crédito

dos 3 milhões de libras.

E' assim que tudo está interes-

sado em mais este tremendo sa-

que, chegado agora ao vértice su-

premo da periclitacia para nos

todos os portugueses que tra-

baham, e que vem a ser o crime

infame da utilização do crédito

dos 3 milhões de libras.

E' assim que tudo está interes-

sado em mais este tremendo sa-

que, chegado agora ao vértice su-

premo da periclitacia para nos

todos os portugueses que tra-

baham, e que vem a ser o crime

infame da utilização do crédito

dos 3 milhões de libras.

E' assim que tudo está interes-

sado em mais este tremendo sa-

que, chegado agora ao vértice su-

premo da periclitacia para nos

todos os portugueses que tra-

baham, e que vem a ser o crime

infame da utilização do crédito

dos 3 milhões de libras.

E' assim que tudo está interes-

sado em mais este tremendo sa-

que, chegado agora ao vértice su-

premo da periclitacia para nos

todos os portugueses que tra-

baham, e que vem a ser o crime

infame da utilização do crédito

dos 3 milhões de libras.

E' assim que tudo está interes-

sado em mais este tremendo sa-

que, chegado agora ao vértice su-

premo da periclitacia para nos

todos os portugueses que tra-

baham, e que vem a ser o crime

infame da utilização do crédito

dos 3 milhões de libras.

E' assim que tudo está interes-

sado em mais este tremendo sa-

que, chegado

# AS GREVES

## Operários Mobiliários.

Verifica-se dia a dia o espírito de resistência que se encontram possuidos os operários desta indústria, porquanto após 51 dias de greve, se não tem verificado qualquer defecção perante as arremetidas dos industriais e lojistas.

Os operários mobiliários, que tem reunião diariamente, constam, pelas informações chegadas à assembleia, que enquanto aos patrões lhes é imposto um encerramento de lojas e oficinas, por uma entidade para elas desconhecida, o mesmo não sucede aos operários por quanto a máxima liberdade preside a sua assembleia a fim de resolverem as questões que mais lhes interessam.

Na assembleia ontem realizada mais uma vez os grevistas demonstraram a sua fé inquebrantável de lutar até à sua completa vitória.

## NOTA DO COMITÉ

Camaradas: A montanha pariu um ratinho! Quer dizer: Os nossos patrões falam, enfim, demonstrando-nos, que conseguiram descobrir o motivo-contínuo dos «lock-outs»-fiascos, fórmula muito acertada para acabarem de desmanchar alguns industriais e lojistas que se deixam amotinar facilmente por ameaças balofas.

Assim, mais uma vez aparece dinamado da desastrada C. P. um comunicado enfermico das falhas de lógica e coerência de que padecem todos os infelizes «documentos» que aquela megera dá à luz.

Desse modo, os nossos patrões, em cujos acaanhados cérebros fervilha a inferioridade ideia de nos fazer baquear pela fome, vao-se enganando imutavelmente e impondo-se condições que não serão capazes de cumprir.

Aos números da sua «nota» ora publicada, respondemos nós:

1.º-Vai continuar o «lock-out»... excepto no grande número de casas que tem estado e continuado a laborando;

2.º-As oficinas e estabelecimentos não poderão prejudicar o «lock-out»... para isso bastam as ruas que servirão

para o transporte das mobiliárias;

3.º-De segunda feira em diante, os nossos patrões fixarão uns «placards» indicando o ponto onde os seus clientes os poderão encontrar para furarem o «lock-out»... salvando, assim, é claro, as aparições;

4.º-Os estabelecimentos e oficinas ficarão encerrados por *seculo seculum*, visto que nós, que já de inicio resolvemos trabalhar logo que nos garantem o aumento de salário que reclamamos e que foi aceite pela maioria dos industriais agora «lock-outados», somos quem aguarda a sua reabertura das supracitadas condições.

Ao que parece pretendem cansar-nos.

Puro engano! Os nossos meios de resistência são inexgotáveis. Já não é só a facilidade de nos irradiarmos para outras ocupações, visto que os particulares se vão agora manifestando, requisitando-nos operários para lhes executar reparações em mobiliário.

Oxalá que todo o público se vá assim compreender do quanto interessa em tratar directamente connosco, pois que assim muito economizarei, deixando de ceder lucros para o industrial e para o intermediário.

O número dos totalmente desempregados vai, pois, diminuindo, preferindo todos, salário por salário, manterem-se antes irradiados do que continuarem a servir desportos.

Já hoje a nossa vigilância encontrou interessantes casos de traição ao «lock-out». Foi a firma Araújo & Bastos a primeira a fazer sair pelas traseiras do seu estabelecimento uns tapetes conduzidos por moços.

Iremos registando.

A spontaneidade dos aderentes à continuação da farça, resulta do facto de uma grande parte dos lojistas andar amirando os prejuízos que estão sofrendo.

Operários do mobiliário: A's provocações que os nossos adversários nos lançam, continuai respondendo ativamente!

O vosso comité regista os belos gestos de alguns camaradas admiradores da nossa luta, que se oferecem para tomar a seu cargo os filhos de alguns previstos mais necessitados. Interpretando o sentir por vós manifestado, não serão por enquanto aceites essas generosas ofertas.

Continuai, pois, afirmando:

Não será a negregada C. P., não sei, os industriais ou lojistas que com suas cabriolas nos vencerão!

Com a altitude com que acelhamos a luta, lutaremos até vitória!

## O comité central

A assembleia de hoje é às 17 horas.

NOTA—Tendo-se-nos dirigido alguns particulares requisitando-nos operários, todos os grevistas absolutamente paralisados devem comparecer hoje, às 16 horas, no Sindicato, a fim de se elaborar uma inscrição certa para colocação.

## Pessoal dos fósforos

Há muito que o pessoal da Companhia dos fósforos vem reclamando aumento de 50 por cento no salário, visto que desde 1914, só uma vez, e parcialmente, viu os seus salários aumentados.

Mas aquela Companhia foi sempre surda às justas reclamações do seu pessoal, ou, melhor: quiz jogar com ele para conseguir do governo autorização para um novo aumento de preço dos fósforos.

Não conseguiu esse desejo, mas, em compensação, conseguiu autorização para criar dois novos tipos de fósforos.

Um dos novos são uns fósforos de pau que, segundo o operário Joaquim Correia Vilar, veem da América e que, ficando mais baratos à Companhia, são vendidos por preço superior ao dos fósforos das antigas marcas.

O outro tipo são fósforos de cera curtos, mais finos e com menos 10 por cada caixa do que os antigos, com rótulos de luxo, que, não obstante, serão vendidos pelo preço daqueles.

E assim que a Companhia consegue um aumento no preço dos fósforos, recusando-se a subir os salários de miséria do seu pessoal, que os manipula e a quem quasi nem reconhece o direito de reclamar.

Mas a situação do pessoal era desesperada. A sua miséria, cada vez maior

mera do constante aumento do custo da vida, era curta em silêncio, esperando sempre em ser atendido nas suas reclamações.

Esse aumento foi-lhe prometido para Janeiro passado. Mais tarde foi prometido para 1 de Abril. Atual estamos em Maio e a Companhia nada decide, parecendo desrespeitar o pessoal que a Companhia mantém alta a cotação do dividendo dos acionistas.

Era demais. E o pessoal ontem peleou para a porta da fábrica um aviso intimando o pessoal a reformar o trabalho nos termos do regulamento, esquecendo da sua fama não tem lei.

Ào que nos informam o pessoal não está resolvido a satisfazer-lhe o desejo, esperando nós que a Associação respetiva nos seja fornecidos os necessários informes de tudo o que se passa.

Entretanto daqui exortamo o pessoal a manter-se unido e firme até fazer valer as suas justíssimas reclamações.

## NO PORTO

O «lock-out» dos industriais tipográficos e a atitude dos respetivos operários

A dissidência de opiniões está a entrar nos industriais «lock-outados» como o comum costume entrar na madeira deteriorada pela ação do tempo. Um

degrau de milho, coonete e outras substâncias oleaginosas e facilmente inflamáveis, que, conjuntamente a explosivos que ali se encontravam e faziam parte dos mesmos salvados, se incendiava causando elevados prejuízos, que sobem a muitos milhares de escudos, e ameaçando subverter na sua voracidade todos os carregamentos de madeiras que ali próximos estacionavam.

Foi o guarda fiscal 467 quem deu pelo sinistro, e com o seu colega 420 fez ainda alguns esforços para debelar o incêndio, que julgavam em princípio. Effectivamente, conseguiram dominar o fogo a balde de água, mantendo-se ambos em observação, até que, por volta das 5 horas, o incêndio, que parecia extinto, rrompeu com extraordinária violência. En quanto o guarda 467 tratava de salvar alguns objectos que estavam perto do local, o seu colega correu a prevenir os bombeiros, voltando pouco depois com os guardas da polícia n.º 322, 424, 1:15 e 1:49, que ali também se encontravam de serviço.

## NACIONAL

Telefone Norte 3049

Exito brilhantíssimo

Hoje A representação da notável

peça de

D. JOÃO DA CÂMARA

**Triste Viuvinha**

Notável trabalho de todos os inter-

pretes—A mais linda peça regional!

Segunda feira, 15—Recita de actor

RAFAEL MARQUES

A ultima de O CENTENÁRIO

Uma única representação de

A CEIA DOS CARDEAIS

Por: Eduardo Brando, José Ricar-

do e Rafael Marques

Arte brillantíssimo

Hoje A representação da notável

peça de

D. JOÃO DA CÂMARA

**Triste Viuvinha**

Notável trabalho de todos os inter-

pretes—A mais linda peça regional!

Segunda feira, 15—Recita de actor

RAFAEL MARQUES

A ultima de O CENTENÁRIO

Uma única representação de

A CEIA DOS CARDEAIS

Por: Eduardo Brando, José Ricar-

do e Rafael Marques

Arte brillantíssimo

Hoje A representação da notável

peça de

D. JOÃO DA CÂMARA

**Triste Viuvinha**

Notável trabalho de todos os inter-

pretes—A mais linda peça regional!

Segunda feira, 15—Recita de actor

RAFAEL MARQUES

A ultima de O CENTENÁRIO

Uma única representação de

A CEIA DOS CARDEAIS

Por: Eduardo Brando, José Ricar-

do e Rafael Marques

Arte brillantíssimo

Hoje A representação da notável

peça de

D. JOÃO DA CÂMARA

**Triste Viuvinha**

Notável trabalho de todos os inter-

pretes—A mais linda peça regional!

Segunda feira, 15—Recita de actor

RAFAEL MARQUES

A ultima de O CENTENÁRIO

Uma única representação de

A CEIA DOS CARDEAIS

Por: Eduardo Brando, José Ricar-

do e Rafael Marques

Arte brillantíssimo

Hoje A representação da notável

peça de

D. JOÃO DA CÂMARA

**Triste Viuvinha**

Notável trabalho de todos os inter-

pretes—A mais linda peça regional!

Segunda feira, 15—Recita de actor

RAFAEL MARQUES

A ultima de O CENTENÁRIO

Uma única representação de

A CEIA DOS CARDEAIS

Por: Eduardo Brando, José Ricar-

do e Rafael Marques

Arte brillantíssimo

Hoje A representação da notável

peça de

D. JOÃO DA CÂMARA

**Triste Viuvinha**

Notável trabalho de todos os inter-

pretes—A mais linda peça regional!

Segunda feira, 15—Recita de actor

RAFAEL MARQUES

A ultima de O CENTENÁRIO

Uma única representação de

A CEIA DOS CARDEAIS

Por: Eduardo Brando, José Ricar-

do e Rafael Marques

Arte brillantíssimo

Hoje A representação da notável

peça de

D. JOÃO DA CÂMARA

**Triste Viuvinha**

Notável trabalho de todos os inter-

pretes—A mais linda peça regional!

Segunda feira, 15—Recita de actor

RAFAEL MARQUES

A ultima de O CENTENÁRIO



